



Metodologias de Educação Não Formal

Non Formal Education Digital Book





Ficha técnica

Título: "Digital Book"

Editado no âmbito do projeto: ID.EIAS, suportado pelo Programa Juventude em Ação da União Europeia

Obra Coordenada por: PASEC

Investigação e processo elaborado por: Bruna Araújo, Maria Ferreira e Sara Gomes

Propriedade de:

Plataforma de Animadores SocioEducativos e Culturais

Rua Barão de Joane, 129, 2ºB Edifício Sinções

4760-019 Vila Nova de Famalicão

Telefone 00351 917 380 178

Site na Internet - www.pasec.pt

Email - pasec.geral@gmail.com

Janeiro de 2013



Índice

A Ideia do ID.EIAS	5
A Animação Sociocultural e o papel do Animador	7
Educação não formal	11
Campo de Formação	13
Método de Revisão de Vida	20
Oficina de Simbologia	23
Tertúlias	30





A Ideia do ID.EIAS

No âmbito do Projeto ID.EIAS, apoiado pelo Programa Juventude em Ação surge o Non Formal Education Digital Book como ferramenta disseminadora de todas as metodologias de educação não formal que serviram de base ao projeto.

É numa realidade de 3 subúrbios urbanos onde o desemprego juvenil cresce, os fenómenos marginalização e discriminação progridem e as oportunidades de resposta parecem escassear que trabalham as organizações que dão forma a uma ideia, o ID.EIAS-IDEAS que significa a construção da identidade pessoal (por isso ID) a partir de um projeto grupal de abertura à comunidade envolvente através dos espaços EIAS (Escola Integral/Itinerante de Animação SocioCultural). Tudo isto consubstanciado deu no ID.EIAS - IDEAS.

Como já referimos, o ID.EIAS - IDEAS, através de um trabalho paralelo em Itália e Portugal, pretende potenciar e dotar um grupo alvo de jovens em situação de risco de competências técnicas, pessoais e psicossociais que os tornem atores sociais credíveis e capazes de gerir o seu próprio processo de integração profissional e social no meio envolvente através de uma metodologia base que apelidamos de EIAS - Escola Integral/Itinerante de Animação SocioCultural.

Os EIAS serão antes tudo Laboratórios lúdicos de teste de novas metodologias de educação não formal inclusivas. Ao mesmo tempo levarão ao terreno uma série de oficinas temáticas que encaram as Expressões (plástica, corporal, dramática, musical e escrita) como formato de educação não formal potenciador de vivências e experiências capazes de mudar a forma de o jovem se ver e relacionar com o meio envolvente não só pelas Expressões respeitarem a liberdade de o ser humano se exprimir sem barreiras como pelo carácter relacional que todas elas implicam. O EIAS será um espaço itinerante porque irá ao encontro direto dos jovens que dele precisam independentemente da sua localização geográfica, mas será ao mesmo tempo integral porque cada jovem envolvido será convidado a chegar a um resultado



concreto com base em objetivos que ele próprio determinará, não permitindo que este se possa tornar num processo de desenvolvimento psicossocial vazio e sem fio condutor.

Assim, ao longo de 548, em Portugal e Itália, envolveremos mais de 100 jovens oriundos de bairros sociais e zonas marginalizadas das periferias das cidades de Guimarães, Varese e Famalicão num plano de ação que tem como objetivos centrais: combater o desemprego juvenil; fomentar um processo de educação não formal que assenta no compromisso para um crescimento mais inclusivo através da metodologia EIAS ; criar uma estrutura de suporte e apoio a dinâmicas e ações viradas para públicos juvenis de combate à pobreza e à marginalização; promover a criatividade e empreendedorismo como forma de incentivar a integração e reintegração profissional e social dos jovens; dar a conhecer a Europa e o Juventude em Ação como espaços geradores de novas oportunidades de inclusão, formação e emancipação; dar visibilidade e divulgar novas formas e métodos de educação não formal inclusivos.



A Animação Sociocultural e o papel do Animador

A noção de Animação Sociocultural (ASC) é relativamente recente, tendo ganho corpo sobretudo quando confrontada com as anomias sociais. Grande parte delas concebe a ASC como um projeto pedagógico de conscientização, conceito fulcral na filosofia da educação do pedagogo brasileiro Paulo Freire.

Na obra de 1971, “A mensagem de Paulo Freire - teoria e prática da libertação”, deparamo-nos com um conceito de conscientização como sendo um processo de desenvolvimento de uma consciência crítica ativa, sendo ao mesmo tempo, um ato de conhecimento, que implica a revelação gradual da realidade.

A consciência do outro, por parte do sujeito, é acordada e funciona ao longo de todo o processo educativo. No processo reflexivo sobre si próprio, o sujeito, numa dinâmica de compreensão, objetiva a sua forma de se pronunciar sobre o mundo em que está inserido, o mesmo, através de um distanciar crítico da sua forma de pensar a realidade envolvente, transforma-se num «objeto» para si próprio, o que permite tornar a sua consciência mais crítica e mudar atitudes e modos de atuar.

Nesta linha, Paulo Freire sugere-nos um processo de conscientização que leva à construção de patamares sucessivos de participação em ações de formação e de transformação numa sociedade ativa.

Assim, a ASC para além de ser concebida como um projeto pedagógico de conscientização, é também compreendida como projeto pedagógico de participação e protagonismo das pessoas, dos grupos e das comunidades. E. Grosjean e H. Ingberg argumentam que o que distingue a ASC não é “o que *«faz»* senão *«como faz»*, e a sua tarefa é *situar-se no centro da realidade e mobilizar as energias da comunidade, de forma a que de espectador passivo se converta em protagonista. Daí que as palavras-chave da Animação sejam: animar, mover, suscitar*” (1999:78).

A ASC parte do potencial humano, da capacidade de cada um para fazer a diferença, independentemente do alcance da mesma. Embora tenha em



conta a análise da realidade e as necessidades das populações na abordagem às problemáticas sociais, a ASC privilegia o diagnóstico dos saberes, dos recursos, do potencial disponível enquanto resposta aos problemas e desafios detetados.

A ASC privilegia tanto os processos quanto os resultados, fazendo dos atores sociais os protagonistas dos mesmos. Parte deles, por eles e com eles a construção de uma intervenção integrada, estruturada, embora flexível, em que o sujeito se vê envolvido nas várias fases, enquanto centro da ação.

Neste sentido, Varine defende que “a ASC *promove a tomada de consciência participativa e criadora das comunidades no processo da sua própria organização e luta*” (1999:71). É vista, portanto, como uma metodologia de intervenção social.

Imhof sustenta que a Animação é “*uma descoberta, uma tomada de consciência, uma forma de relação sujeito-objecto e de sujeito-sujeito; uma acção relacional; uma forma de criatividade, de iniciativa e de responsabilidade.*” (1999:73).

Assim podemos dizer que a ASC emerge a partir das necessidades sociais e no sentido de responder às mesmas, desenvolvendo um conjunto de práticas, que visa desde o início a participação do(s) indivíduo(s) em todas as fases de uma intervenção.

Segundo Ezequiel Ander-Egg, um animador “*realiza tarefas e actividades de Animação. Pessoa capaz de estimular a participação activa da gente e de insuflar um maior dinamismo sociocultural, tanto no individual como no colectivo. Actua como um catalisador que desencadeia e anima processos, cujo protagonismo se procura que corresponda fundamentalmente a iniciativas da mesma gente. O seu aporte ou contribuição básica compreende aspectos que, ainda que diferentes, se complementam e articulam entre si, isto é:*

- *proporcionar assessoria técnica para que o grupo ou colectivo encontre resposta às suas necessidades e problemas, e se capacite para organizar e conduzir as suas próprias actividades;*
- *contribuir para que a mesma gente envolvida neste programa, recupere, sistematize, avalie e implemente as suas próprias práticas socioculturais, como forma de alentar e acrescentar o protagonismo popular;*



- animar, vitalizar e dinamizar as energias e potencialidades existentes nas pessoas, grupos e colectividades.” (1999: 12).

Resumidamente, Ander-Egg interpreta o papel do Animador como sendo o técnico que potencia os processos de emancipação e autonomização dos grupos, levando-os a criar as suas próprias respostas para os seus principais problemas, que desperta o seu potencial endógeno promovendo o protagonismo dos atores.

Estas ideias são corroboradas por outros autores. Mesmo assim, a profissão, ou mesmo o termo técnico Animador Sociocultural é muito recente, ao ponto de preferirmos utilizar só o termo Animador, porque a própria designação Sociocultural não é consensual. Há quem prefira utilizar o termo Animador Socioeducativo, ou só Animador Cultural, ou mesmo só Animador Social, entre outros.

Em Espanha, sobretudo a partir dos anos de 60 do século XX, fase em que começam a aparecer movimentos ligados à cultura popular, ação católica, entre outros, surgem os primeiros “Animadores”. As funções exercidas por estes tinham sobretudo uma base militante. Realizavam a sua formação e ação de forma gratuita ou semigratuita. Quando acontecem as profundas transformações democráticas com a queda do Franquismo, começam a ser os organismos públicos e administrativos a contratar Animadores.

Dentro das instituições juvenis que realizavam grande parte das ações com este público, passaram a denominar os seus monitores de Animadores, sendo que por toda a Espanha surgiu um novo movimento, também influenciado por outros países onde a adesão tinha sido muito relevante, como é o caso da França e de alguns países da América Latina. Por volta de 1986, existia em Espanha 51 centros de formação de animadores. As próprias universidades acrescentaram a modalidade de Animação Sociocultural no âmbito do diploma de Educação Social e de outros estudos pedagógicos.

Em Portugal, embora o processo conheça algumas semelhanças, sobretudo as relacionadas com a evolução democrática de ambos os estados, o processo foi e é diferente. E isso reflete-se ainda hoje. Enquanto em Espanha a ASC está incorporada como parte das premissas estruturais de todo o sistema educativo, em Portugal assumiu-se como um corpo à parte que pode



servir de complemento às estruturas curriculares, mas que funciona de forma independente e autónoma.

Por estes dias, no nosso país, é recorrente abordar o estatuto do Animador, não só ao nível do associativismo juvenil, onde se destacam equipas de trabalho elaboradas, especialmente para o seu debate e formulação na Federação das Associações Juvenis do Distrito do Porto (F.A.J.D.P.) e na Federação Nacional das Associações Juvenis Locais (F.N.A.J.), assim, como na Associação Nacional dos Animadores Socioculturais (A.N.A.S.C.). Mesmo assim, é importante perceber que esta não é apenas mais uma nova vaga de fundo; é uma reflexão desencadeada e um estatuto reclamado em Portugal desde a década de 1970.

Apesar dos avanços feitos, a ASC e o próprio animador sociocultural continuam a ser encarados como algo novo o que cria algumas reticências aos outros, pois ainda não há conhecimento suficiente acerca dos mesmos.

Por isso, estabelecer um estatuto para a '*novidade*' parece, no momento, algo de inatingível. De qualquer forma, já existem documentos que servem como linhas de orientação e inclusive já existe uma proposta de estatuto desenvolvida pela ANASC – Associação Nacional de Animadores Socioculturais.



Educação não formal

Dentro do âmbito da Animação Sociocultural, perspectiva integradora do ID.EIAS temos a Educação não formal. Esta (ENF) abrange uma série de âmbitos educativos e formativos, construindo um princípio, o de que a educação não é só uma tarefa da escola. A educação é um mundo, onde a escola se apresenta como uma pequena parte do mesmo. A educação não formal defende isso mesmo, a educação está para lá das portas escolares. A sua grande missão é complementar a educação formal (curricular), uma vez que esta não preenche todos os domínios da educação nem atende às necessidades do mundo atual.

De acordo com Silvestre (2003, p. 54), *“o conceito de ENF foi pensado para colmatar as carências e as contradições da educação/formação escolar tradicional e para responder a necessidades não satisfeitas pelas instituições educativas / formativas formais”*.

Neste sentido, a educação não formal é um complemento formativo ao nível da formação / desenvolvimento pessoal e interpessoal, assim como das demais potencializações a serem desenvolvidas tendo em conta o diagnóstico efetuado.

Na evolução do conceito de Educação Não Formal encontra-se presente a preocupação pela formação de novas estratégias de desenvolvimento educativo (individuais e coletivas), (Vázquez, 1998). Esta pode desenvolver-se tanto dentro como fora das instituições.

A Educação não formal está intimamente ligada ao contexto sociocultural, âmbito privilegiado de atuação. É importante conotar que esta é apenas um meio para complementar a educação formal institucionalizada. Desta forma, a educação não formal encontra-se em diversas modalidades e contextos de ação, nomeadamente atividades interdisciplinares, por exemplo: atividades de enriquecimento curricular no âmbito do 1º CEB), as bibliotecas, associações, formação profissional, museus, entre outros.

Em todos os contextos de ação mencionados, encontram-se atividades de educação não formal, uma vez que existe uma intencionalidade educativa: a



atividade é organizada; existe um processo de aprendizagem; e existe um acompanhamento pedagógico no processo educativo.

O elemento fundamental na planificação de atividades de educação não formal é acima de tudo, o carácter pedagógico. De acordo com o autor Colom (1998) a educação não formal implica uma planificação. O mesmo autor defende que a planificação anda a par com o desenvolvimento. Num contexto de educação não formal, a planificação parte de uma situação real e racional, tendo como meta o desenvolvimento social.

Quando se fala em planificação educativa, há que atender a algumas questões orientadoras da ação educativa. Deste modo, para planificar uma ação educativa recorre-se em primeira instância à formulação de objetivos (definindo a natureza e motivos que levam à origem do projeto); depois, tem-se em conta o tempo e o espaço da ação; determinam-se os métodos; selecionam-se os meios e os materiais; adequam-se os conteúdos e as atividades; e faz-se uma avaliação. Para além disso, há que atender ainda a alguns aspetos importantes, tais como: definir a natureza e motivos que levam à origem do projeto; para que serve o projeto e a origem dos objetivos propostos; quanto se deseja fazer, ao nível das metas delineadas; e onde se que fazer, ou seja, quais os lugares onde se irá desenvolver a ação como defende (Colom, 1998).



Campo de Formação

Como primeira dinâmica metodológica sugerimos os Campos de Formação. Os Campos de Formação são um conjunto de atividades realizados em contexto externo ao dos envolvidos que servem para refletir, aprofundar ou reaprender conceitos, temáticas base ou problemas que de alguma forma influenciam a vida do grupo alvo envolvido permitindo o seu desenvolvimento psicossocial.

Antes de tudo, o Campo existe por um propósito, há uma meta a atingir. Por isso são colocadas duas questões: Porque motivo...?; Qual o objetivo... objetivos?

Após percebermos o que realmente pretendemos desenvolver, passamos à definição das questões logísticas vitais à realização do Campo:

- **Definição do Local** – o local deve ser distinto do local a que o grupo ou grupos estão habituados, de modo a poder proporcionar experiências novas e distintas à equipa. A Equipa de Animadores deve conhecer muito bem o local, as potencialidades, os défices, os locais de apoio e suporte inerentes.

- **Definição da Equipa de Animadores** – normalmente um campo tem duas equipas de Animadores: A *Equipa de Animadores Externos* e a *Equipa de Animadores Internos*. Os Animadores Internos são responsáveis, cada um deles, por um grupo de trabalho. Os Animadores Externos estão responsáveis por organizar as atividades, os momentos chaves do Campo e todo o quadrante logístico.

Ainda, dentro deste ponto, é fundamental atender ao perfil e experiência dos Animadores bem como preparar e formar a Equipa de Animadores no contexto e âmbito do Campo. *Por opção um Animador de um Campo PASEC deve ter formação profissional ou superior adequada, equiparada ou então ter participado ou estar envolvido em processos de formação complementares desenvolvidos no seio da PASEC para este efeito.*

Duração do Campo – outro aspeto determinante passa por estabelecer o período de tempo que entendemos como o necessário para a duração do Campo. É fundamental também estabelecer a intensidade que pretendemos aplicar ao longo do período temporal do Campo. Dentro deste quadrante temos



três hipóteses: ir aumentando de intensidade conforme o Campo se dirige para o seu fim; estabelecer os pontos altos do Campo no início e ir diminuindo de intensidade até ao fim das atividades; estabelecer a fase intermédia do Campo como o seu ponto alto, subindo de intensidade até esse ponto e baixando, posteriormente, até à sua fase terminal.

Metodologia – logo à partida deve ser determinado o tipo de método a seguir no Campo. Dentro da lógica da Animação Socioeducativa e Cultural, a metodologia a seguir deve ser a Participativa, com base em grupos de trabalho orientados por um Animador Interno. Todos os restantes aspetos são os mesmos que servem de base aos processos de Educação Não Formal.

Simbologia do campo – a Simbologia Grupal é a metodologia de ação PASEC utilizada nos seus grupos de base. Os Campos seguem a mesma base de trabalho.

É fundamental que o Campo seja também ele marcado por uma mística própria, por uma série de rituais que lhe dão forma e o tornam único: nomes de equipa, bandeira, grito de guerra, entre outros que considerem pertinentes. De qualquer maneira aqui ficam alguns que consideramos chave: Cerimónia do hastear de Bandeira no início de cada dia de Campo; o Livro de Campo onde todos podem escrever diariamente o que gostaram, o que sentiram, o que querem...; a Telenovela do Dia, sátira feita no final do dia, em que um dos grupos, representa de forma cómica os momentos altos do dia; o Jogo do Amigo Secreto, jogo em que cada um troca correspondência com alguém do Campo (ele sabe a quem escreve, mas não sabe quem lhe escreve); os Momentos de Partilha, onde com uma sonoridade de fundo, cada um partilha o que sente, o que pensa;

Regras de Campo – são fundamentais para o funcionamento do Campo. São definidas entre a Equipa de Animadores e os grupos e determinam todos os processos, momentos e funcionalismos da vida em Campo

Atividades, Plano e Momentos Chave – definir as atividades é central e sobretudo perceber onde é que elas encaixam. O Campo é um processo com um ponto Inicial, um Intermédio e um Final, as atividades são enquadradas de acordo com a intensidade e objetivo que projetamos para determinado



momento. Entretanto, há atividades que são os Momentos Chave do Campo, nestas o cuidado e preparativos são redobrados.

Inerentes às atividades estão sempre o princípio da adaptabilidade e flexibilidade. Para além das atividades projetadas, devemos ter sempre um segundo plano, ou incorporado na atividade preparada ou uma atividade completamente nova para o caso, de por algum motivo, aquela não resultar. Tendo em conta estes aspetos podemos então preparar o plano do Campo com os horários e disposição das atividades.

Plano de Logística e Cuidados Primários – pode parecer menos importante, mas é fundamental definir com todo o pormenor um plano paralelo de logística e cuidados primários do Campo. Neste plano constam os materiais a levar, os inventários de todo o espólio a transportar, os números de emergência médica, os registos de seguro, a ficha pormenorizada de cada um dos participantes do Campo e todos os outros aspetos fundamentais para a realização de um Campo seguro e com condições.

Avaliação – a este momento aplicamos os mesmos predicados de toda a metodologia que já identificamos para a estrutura global dos Campos.

O exemplo da Assembleia Europeia Juvenil 2011 como Campo de Formação

Neste sentido, e para melhor compreendermos o que anteriormente foi apresentado, partilhamos um exemplar de um campo de formação já realizado, partilhando algumas das dinâmicas base.

O exemplo que apresentamos é a estrutura de uma Assembleia Europeia Juvenil (AEJ) que aconteceu em Dezembro de 2011, em Vila Nova de Famalicão com uma duração de quatro dias com 35 participantes com o tema **“Os Jovens do Milénio: Direitos, Deveres e Oportunidades”**

Receção das Comitivas - Acolhimento, o primeiro momento do campo em que os participantes são recebidos pelo animador responsável que lhe apresenta as instalações, caso ainda não as conheça como também a logística do respetivo campo.

Ice-breaker – com a intenção de promover a interação no grupo, visto que muitos dos participantes não conhecem, é realizado um jogo de quebra-



gelo. Como exemplo temos o "Caça Gelo", este jogo tem como objetivo colocar todos os participantes em gelo, ou seja, não se podem mexer. Deve ser feito com um grupo alargado e os passos a seguir são: em primeiro lugar deve-se escolher um participante que vai apanhar os restantes para os colocar em gelo. Em segundo o participante que ficar em gelo deve colocar-se aninhado para que os restantes colegas, os que ainda não foram apanhados, possam passar por cima dele, para que este regresse ao jogo. Isto deve acontecer repetidamente até o participante que os está a caçar os consiga colocar todos em gelo. Se os participantes forem muitos podemos colocar dois caçadores em vez de um para que o jogo fique mais equilibrado, quando o jogo se tornar cansativo o animador deve mandar parar o jogo.

Jogo de apresentação inicial - é importante, no sentido em que o grande grupo possa conhecer todos os participantes. Para isso deixamos um exemplo de um jogo de apresentação. Os vários elementos do grupo juntam-se a pares. A cada um é dado um Bilhete de Identidade com dados relativos a si próprio. Cada um troca o BI com o seu parceiro sem este estar preenchido. Por fim recorrendo só à mímica corporal para colocar questões devem tentar preencher o BI do parceiro em causa. Por fim quando todos terminarem cada dupla apresenta-se perante grande grupo.

Exemplo de um Bilhete de identidade

Bilhete de identidade	
Idade	Tamanho da camisola
Nome da mãe	Cor do cabelo do pai
Série preferida	Desenho animado preferido
Número de calçado	Em que ano andas (escola)

Apresentação da Reflexão Principal – Esta pretendia apresentar a temática em modos muito globais a ser trabalhada ao longo destes dias. Foi apresentada como reflexão partilhada com todos os participantes, lida em voz alta com música de fundo a acompanhar sobre o tema integrador da Assembleia Europeia. No fim foi colocada a pergunta de partida. Eis o texto utilizado: “*Se hoje acordastes mais saudável, tens mais sorte que um milhão de*



peessoas que não verão a próxima semana. Se nunca experimentastes o perigo de uma batalha, a solidão de uma prisão, a agonia da tortura, a dor da fome, tens mais sorte que 500 milhões de habitantes no mundo. Se podes ir à igreja sem o medo de ser preso ou torturado, tens mais sorte que 3 milhões de pessoas no mundo. Se tens comida no frigorífico, roupa no armário, um teto sobre a cabeça, um lugar para dormir, considera-te mais rico que 75% dos habitantes deste mundo. Se tens dinheiro no banco, na carteira ou uns trocos em qualquer parte, considera-te entre os 8% das pessoas com a melhor qualidade de vida no mundo. Se os teus pais estão vivos e ainda juntos, considera-te uma pessoa muito, muito rara. Se sabes ler, considera-te com uma dupla bênção, pois alguém pensou em ti e tu não estás entre os dois mil milhões de pessoas que não sabem ler.

Quando é que ajudamos desinteressadamente alguém sem receber nada em troca?

Trabalho de grupo – tendo por base o tema apresentado e o documento orientador partilhado durante a apresentação do tema são constituídos quatro grupos de trabalho em que cada um trabalhava um tema diferente. Para cada grupo foi elaborado um documento autónomo sobre o seu tema base para dar início ao trabalho de reflexão com perguntas de partida e forma como deveria apresentar recorrendo sobretudo a técnicas de expressão. Eis os 4 documentos que elaboramos com os 4 temas base:

- Acesso ao Ensino Universal Básico

Mais de um terço dos alunos do ensino primário não completaram o último ano deste ciclo escolar. Há que combater a falta de recursos pedagógicos, a insuficiente cobertura da rede escolar e a falta de materiais educativos adequados. Quem parece estar longe de se comprometer com esta meta da Educação Para Todos é o governo português.

- Para ti é importante estudar? Sentes que ao estudar está a lutar pelo teu futuro?

Depois de realizada a reflexão, em grupo têm como objetivo retratar as conclusões do tema através de uma peça com fantoches.



Desenvolvimento Sustentável

As alterações climáticas aumentarão a frequência e a intensidade dos fenómenos meteorológicos extremos. Falta aos países pobres a infraestrutura, e.g., barreiras contra tempestades, estruturas de armazenamento de água, necessárias para responder adequadamente a esses fenómenos. Doenças como a malária terão maior potencial de propagação, afetando mais os habitantes de países pobres, que já são os mais afetados pelo problema. Modificações nos regimes de precipitação poderão devastar a agricultura, da qual boa parte da população depende para sobreviver naqueles países. A subida do nível dos oceanos, secas, inundações e condições meteorológicas extremas ameaçam desfazer décadas de ganhos no desenvolvimento e os esforços rumo aos ODM.

- Quando pensas realmente no planeta e nos seus recursos que ajudas a esgotar? O que devemos fazer para o conseguir salvar?

Após uma breve reflexão, em grupo deve apresetar as principais conclusões obtidas através do teatro pantomímico.

Desigualdade de Género

A saúde e os salários são os fatores mais penalizadores para as mulheres em Portugal, que registou no ano passado um recuo na igualdade de género a nível internacional, segundo o Fórum Económico Mundial.

Como entendes a desigualdade de género na sociedade atual? Alguma vez descriminastes alguém pelo simples facto de ser homem ou mulher?

Após uma breve reflexão, em grupo expõem as principais conclusões através do teatro de sombra.



Pobreza Extrema

Numa era em que existem os recursos e a tecnologia para construir um mundo mais justo, a pobreza extrema torna-se inaceitável. Mas ainda há muito por fazer. Alguns países em situação de conflito ou pós conflito, vítimas de desastres ambientais ou a recuperar de longos períodos de instabilidade política e colapso económico, conseguem escassos ou nenhuns progressos. É o caso, por exemplo, do Burundi, da Guiné-Bissau ou da Tanzânia.

O que é para ti pobreza? Conheces alguém que já tenha passado por alguma situação complicada a nível financeiro?

Após uma reflexão em grupo, apresentem as vossas conclusões através de uma história com representação cénica.

Momento de Simbologia Grupal - Já à parte da reflexão do tema integrador da Assembleia Europeia é feito um momento de pausa para descontrair e criar momentos de introspeção que podem ser feitos quantas as vezes consideradas necessárias. Durante a Assembleia Europeia foi escolhido um texto do Manual do Guerreiro da Luz de Paulo Coelho acompanhado por uma sonoridade de fundo do Álbum: King Arthur Soundtrack, com a Tell Me Now (What You See) - Moya Brennan. Passamos também a partilhar o texto utilizado.

"O Guerreiro da Luz fica apavorado diante de decisões importantes.

«Isto é grande demais para ti», diz um amigo. «Vai em frente, tem coragem», diz outro. E as suas dúvidas aumentam.

Depois de alguns dias de angústia, recolhe-se ao canto da sua tenda, onde costuma sentar-se para meditar e orar. Vê-se a si mesmo no futuro. Vê as pessoas que serão beneficiadas e prejudicadas pela sua atitude, Não quer causar sofrimentos inúteis, mas tampouco quer abandonar o caminho.

O guerreiro, então, deixa que a decisão se manifeste.

Se for preciso dizer sim, di-lo-á com coragem. Se for preciso dizer não, di-lo-á sem covardia. (Coelho, Paulo - Manual do Guerreiro da Luz, 17ªed. 2006)



Método de Revisão de Vida

O Método de Revisão de Vida, uma das bases metodológicas do ID.EIAS, pode ser usado método de investigação, trabalho de grupo, formação e avaliação. Foi pensado a partir de 3 etapas base (ver, julgar e agir) que entendem o processo como o caminho até à ação transformadora. Têm por base as experiências e vivências individuais, coletivas e as aprendizagens que as mesmas permitem.

Todos os povos e todas as sociedades têm ou precisam de princípios, métodos ou referenciais de orientação. Estes são ou devem ser pontos de partida para ajudarem a ver, aprofundar e agir. Nada se desenvolve sem ação.

Talvez por não ter havido uma atenção maior na aplicação de métodos sérios e responsáveis, estão a viver-se tantas crises e de toda a ordem. Foi provavelmente a falta de método que deu origem às clivagens e desequilíbrios tão acentuados nos nossos dias, gerando nas pessoas e nos povos tanta revolta.

Um método eficaz

O método da Revisão de Vida (Ver, Julgar e Agir) é na atualidade utilizado tanto na sociedade civil, nas instituições educacionais, grupos informais, nos grupos religiosos, etc. Esta forma de ver as realidades, os acontecimentos, o que se passa à nossa volta e no mundo, de analisar com rigor e de encontrar as soluções para o que está a ser debatido, tem sido adotado porque se revela eficaz.

É um processo orientado, que pressupõe um compromisso entre quem orienta e quem é orientado. É um método que pressupõe um crescimento progressivo, balizado por etapas, sempre na perspectiva do Ver, Julgar e Agir.

A Revisão de Vida auxilia o orientado a descobrir valores, as suas competências base e dons naturais. Os orientados são interpelados sobre o que são e como se tornaram no indivíduo que vêm hoje. Com o evoluir do percurso é feito o apelo à mudança e reconversão do "eu", com o assumir de



compromissos individuais e coletivos para resolver ou minorar as situações em causa.

A Revisão de Vida é, ainda, um método de educação não formal, pois possibilita um conhecimento social e cultural mais profundo e provoca em cada um a necessidade de ter uma participação cívica na sociedade. Todo este processo é feito por todos. Nada é imposto. Todos participam da reflexão e na procura das soluções. Cada um colabora e participa tendo em conta a sua experiência, o seu conhecimento e os seus talentos.

A Revisão de Vida é uma pedagogia constituída na base pelo trabalho de equipa. Praticar o método da Revisão de Vida - ver, julgar e agir - implica interrogar-se perante a complexidade dos acontecimentos, olhar a realidade de uma forma criativa e plural e comprometer-se com a sua transformação. Mais do que um método, a Revisão de Vida é uma atitude de abertura e diálogo, um modo de ser livre, em que se aprende a estabelecer a relação com o Outro.

Etapa do Ver

Tratasse da fase de caracterizar a situação e as causas, que opinião têm as pessoas com quem contactamos sobre a situação em causa, e quais os diferentes níveis (político, económico, cultural, social e religioso) nela implicados, que repercussões e porquê. É uma fase em que o orientado é convidado a analisar a situação em perspetiva e construir uma visão mais ampla e objetiva da realidade.

A base de análise são as suas vivências e experiências concretas do dia a dia. Todas as técnicas são possíveis desde que tenham em conta os princípios anteriormente referidos e respeitem a liberdade de expressão de cada um. As várias formas de expressão artística possibilitam uma infindável panóplia de possibilidades adaptadas ao potencial e limitações de cada indivíduo.

Etapa do Julgar

Trata-se de descobrir e partilhar tanto aquilo que nos parece um contra valor (o que impede o crescimento das pessoas e do meio), como os sinais mais



reveladores dos desajustes que levaram aos desequilíbrios que geraram a situação em causa.

Os orientados são confrontados com o projeto de vida que almejam para si próprios, para o grupo como um coletivo e para o meio envolvente e os desafios que os objetivos propostos lhes lançam.

Importante é não confundir esta análise com um juízo moral(ista). Cabe ao orientador coordenar a dinâmica no sentido de deixar o orientado interpelar-se a si próprio e ao caminho que traçou até aqui. Os restantes elementos do agregado completarão a reflexão individual, devendo o orientador deixar o processo evoluir naturalmente sem ritmos pré-definidos.

Nesta etapa como na anterior todas as técnicas são possíveis desde que tenham em conta os princípios anteriormente referidos e respeitem a liberdade de expressão de cada um. De qualquer forma a forma deve ser privilegiada a partilha coletiva com base no confronto de opiniões e visões sobre a situação em causa.

Etapa do Agir

Neste momento a equipa deverá perceber o que há a realizar a nível individual, ao nível do grupo e ao nível do meio, sendo fiel àquilo que descobriram ao longo das duas etapas anteriores. Gerasse então a ação transformadora traduzida em ações concretas independentemente do tamanho das mesmas.



Oficina de Simbologia

A visão que passamos a partilhar não passa disso mesmo, uma visão, uma proposta de trabalho com base nas nossas experiências e trabalho de campo. Como todas as propostas de trabalho, tem potencialidades e debilidades inerentes ao próprio contexto em que possa vir a ser aplicada.

A Simbologia vista como um método de formação e ação grupal pode ser encarada em inúmeras perspetivas, assimiladas de acordo com o contexto em questão.

A Simbologia Grupal, assim como outros métodos formativos é utilizada com grupos de crianças, adolescentes, jovens e, mais recentemente com a terceira idade e pessoas com deficiência e incapacidade, partindo sobretudo das dinâmicas de grupo e técnicas de introspeção.

Mas antes de explicarmos verdadeiramente a metodologia, parece-nos importante explicar o próprio termo símbolo, este que vive desde os tempos remotos em conformidade com o Homem.

O termo símbolo pode ter várias definições, podendo designar um elemento representativo, um objeto, conceitos ou ideias. A nível geral pode ser entendido como uma palavra ou imagem equiparado a um outro objetivo devido à relação de semelhança que existe entre ambos. A um nível mais específico, a representação de cada símbolo pode ser o resultado de um processo natural ou ajustado no qual este tem um significado específico para uma pessoa ou para um grupo específico de pessoas.

Os símbolos podem ser agrupados em quatro classes: reconhecíveis (são unicamente ilustrativos), representativos (requerem alguma explicação, a partir do qual o seu significado possa ser adivinhado); ilustrativos (traduzem conceitos abstratos); e abstratos (implicam ensinamento e explicação).

A simbologia evoluiu ao longo dos séculos sendo que para cada atividade humana, por vezes, um mesmo símbolo pode ter significados diferentes, dependendo da cultura em que está inserido.

Como por exemplo o “Pentagrama” (estrela de 5 pontas) para o cristão (no começo do cristianismo) era considerado como a representação das cinco chagas de Jesus Cristo e também, usado para proteção contra os demónios.



Já para o paganismo, mais especificamente na Wicca (religião Neopagã fundamentada nos cultos da fertilidade que se originaram na Europa Antiga). Acredita-se que o pentagrama seja um símbolo elementar, sendo que cada uma das cinco pontas representa os elementos da natureza: água, terra, fogo e ar, além do quinto elemento, o espírito. Dentro da cultura chinesa o pentagrama representa os elementos terra, água, fogo, madeira e metal. Na maçonaria, por sua vez, a estrela de cinco pontas é considerada o símbolo do homem perfeito, no aspeto físico, emocional, mental, intuitivo e espiritual. Mas além do pentagrama existem diversos símbolos, tais como: a pomba, a fénix (símbolo de um dos grupos PASEC), alga e ómega, a delta e, etc. Estes são símbolos pagãos, cristãos, maçónicos, entre outros que possuem significados diversos e variados.

Há também aqueles símbolos que estão à nossa volta a todo o momento e em constante relação, o Homem também se relaciona com os animais de forma simbólica. Por exemplo, as sociedades Tribais utilizam as figuras animais como representação de diferentes estágios e comportamentos Humanos. Jung (1996) reafirma a existência da “alma do mato”, a um equivalente natural à consciência humana, podendo ser um pássaro, um rio, uma árvore. Esse equivalente estaria ligado à alma Humana do indivíduo, conferindo a este certas capacidades através de uma relação mútua.

No sentido de melhor fazer entender a reflexão anteriormente partilhada, deixamos alguns exemplos de como transformar técnicas já conhecidas em métodos de simbologia grupal se forem aplicadas tendo em conta as suas características determinantes. Um outro aspeto importante é que todos os momentos protagonizados sejam devidamente acompanhados por música. Esta é capaz que transformar um ambiente agradável e confortável, propício à reflexão e entrega de si ao exercício. Passamos a partilhar o alinhamento de alguns exercícios possíveis para de uma Oficina de Simbologia, utilizando a sua variante de Simbologia Corporal.



- Jogo "Gente com gente"

Objetivos:

- Desenvolver o sentido de pertença ao grupo.
- Aumentar a coesão e união do grupo.
- Sentir-se acolhido e aceite pelos colegas de grupo.

Descrição:

Todos estão em pares menos um. Quem não tem par, vai dando ordens aos outros com voz clara e forte. Dirá uma parte do corpo que deverá juntar-se com a mesma parte do corpo de outro membro do grupo. Indica ainda se esta junção se deve realizar estando os elementos sentados, deitados ou de pé. Por exemplo: de pé ombro com ombro, de joelhos cotovelo com cotovelo.

Os pares irão, rapidamente, cumprindo as ordens dadas. Mas se o orientador diz «gente com gente» todos devem procurar um novo par. O que dirigia até aqui e estava sem par, aproveita para conseguir um par. O que fica sem par, passa a dirigir o jogo. As ordens devem ser dadas com pouco tempo de intervalo para dar dinamismo à atividade.



- Oficina “O Poder do Toque”

Objetivos:

- Explorar o exercício de introspeção através de jogos dramáticos que permitem ao sujeito refletir sobre si próprio em contacto coletivo de questões essenciais que permitem perceber as mais simples situações;
- Promover a reflexão para temáticas pouco desenvolvidas, mas que permitem estabelecer relações saudáveis para um positivo crescimento do grupo;
- Provocar uma rutura com estereótipos e preconceitos enaltecidos pela sociedade em volta do toque;
- Desencadear uma postura crítica face às circunstância envolventes do meio, de modo ser possível, levar a cabo a ideia “Por um ideal diferente”

Descrição:

Todos os dias, quando o amanhecer brota, o ser humano depara-se com inúmeras situações, em que por vezes, torna-se inevitável não as confrontar. Referimo-nos, diretamente, à interação com outros indivíduos, muitas das vezes estranhos que compromete o equilíbrio do seu núcleo protetor.

Esta interação torna-se essencial para a sua sobrevivência, pois trata-se de seres sociais e, que para tal necessitam, da interação, realizada através do processo de socialização, para se integrarem e adaptarem ao conceito da sociedade vigente.

Com isto, é claro, que a cada dia que passa, é colocado ao ser humano mais um momento que desafia os seus próprios limites de existência.

E neste sentido, através da oficina Simbologia Corporal é proposto ao grupo uma reflexão sobre a importância do toque, que por consequente levanta algumas das seguintes questões: o que significa tocar? Porque temos dificuldade em tocar e/ou sentir o toque de alguém? Que repercussões isso me traz? Como me sinto? Porque é que o toque se torna importante nas relações?

Para refletir sobre esta mesma questão, a oficina a que nos propormos divide-se em três momentos.



Inicia-se pelo aquecimento que consiste na apresentação do grupo, sem que estes possam verbalizar qualquer palavra, passa, por isso, pela apreciação e desenho facial de cada um dos participantes. Este momento tem a duração cerca de 10 a 15 minutos. De seguida, realiza-se algo semelhante, no entanto, o exercício é complementado com vendas e cada um dos participantes tem como desafio reconhecer os restantes parceiros através do toque e do cheiro.

Para concluir esta primeira fase, durante 15 a 20 minutos o grupo discute sobre os primeiros momentos da formação, interpelando algumas das questões iniciais.

Na fase seguinte, deseja-se que os participantes possam explorar com intensidade a temática anteriormente discutida e, por isso, reinicia-se com o exercício do espelho. Para tal são formadas duplas que durante 10 minutos executam a atividade. Ao fim dos primeiros 5 minutos invertem-se os papéis de espelho.

Em seguida é proposto a dinâmica da ponte, ou seja todos os membros entrelaçam as mãos de forma a assegurarem o transporte de cada um dos participantes. Através deste exercício pretende-se desencadear situações de partilha e de confiança.

Assim, a atividade termina com exercício de exploração pessoal que acontece a partir de uma compilação musical. Esta é composta por três músicas que indicam três momentos diferentes. Por exemplo, inicialmente a pessoa dança sozinho explorando-se a si próprio a ao espaço que o rodeia. Em segundo, deve procurar um companheiro e dançar com este, sendo que a música já se alterou. Assim, pretende-se promover uma interação entre ambos, no sentido de ajudar a lidar com o outro. Por fim, a terceira música incentivava a que todo o grupo interagisse em conjunto, criando deste modo uma coreografia grupal. Deixamos em nota que neste exercício é possível fazer várias interpretações e que todas elas são possíveis. Também as músicas são de carácter aleatório, por isso fica ao critério de quem dinamiza o exercício. Mas deixamos como exemplo as seguintes: Evanescence - "Break me up inside" ; Final Fantasy X- " To Zanarkand (versão piano)" ; Enya - "Braveheart"



- Workshop " Explorar o Eu no Nós"

Objetivos:

- Desenvolver a exploração e desconstrução da ideia de si próprio, principalmente no que diz respeito à expressão corporal.

Descrição:

Esta dinâmica divide-se em três fases essenciais, das quais passamos a mencionar:

1ª fase

Dinâmica de pares – consiste no relaxamento dos músculos, ou seja, massajar as costas com o auxílio das costas do colega, procurando de seguida outras zonas do corpo, para proceder de modo semelhante, por exemplo: braço, mãos, pés, cabeça, nariz, perna... tem uma duração cerca de 10 a 15 minutos.

Em seguida passamos para outra dinâmica

O espelho das expressões – implica a pessoa individualmente gesticular emoções e sentimentos que no entender da própria a possa caracterizar. Não é permitido utilizar palavras, apenas a expressão facial e corporal. Variante: pode passar por níveis – 2/4/6 elementos. Tem uma duração cerca de vinte minutos

2ª fase

Entretanto encontra-se um tempo para reflexão, que nos permita perceber de que forma nos conhecemos a nível da expressão corporal: Quais as principais dificuldades sentidas quando interagimos com o outro? Compreendemos essas mesmas dificuldades? Em que sentido? Na maioria das vezes preocupamo-nos com aquilo que os outros – ‘a sociedade’ - pode pensar do nosso comportamento e por isso limitamos a nossa maneira de ser e agir. Inserido nesta segunda fase e após o pequeno momento de reflexão, segue-se a dinâmica do pêndulo.

Pêndulo – realiza-se com um grupo, no mínimo de cinco pessoas. Estas posicionam-se em círculo enquanto que uma pessoa se coloca no centro do círculo e de olhos vendados. Deixa-se cair em contacto com o grupo, sendo que estes têm a tarefa de garantir que esta não caia. Para isso é necessário



existir confiança e segurança no grupo. Variante: pode incidir sobre níveis 6/9 elementos

3ªfase

Durante cerca de vinte minutos formam-se grupos de três elementos e estes têm como tarefa criar uma sequência teatral em que apenas possam exprimir emoções e/ou sentimentos evidenciando numa história inventada pelos próprios, que dará origem a uma apresentação dos trabalhos em plenário. Esta dinâmica tem uma duração cerca de 25 minutos, mais o tempo de apresentação.



Tertúlias

Aqui uma das dinâmicas mais intensas do ID.EIAS que funciona muito bem sobretudo para discutir questões sérias de forma leve, apelativa e participada.

A tertúlia é na sua essência uma reunião de amigos, familiares ou simplesmente frequentadores de um local, que se reúnem de forma mais ou menos regular, para discutir vários temas e assuntos.

Contudo, e como o jornalista português Belo Redondo disse, "*a vida nacional gira à volta de uma chávena*", numa referência inequívoca da importância das tertúlias em Portugal. As tertúlias foram "importadas" para Portugal de Paris, onde surgiram e se espalharam pelo mundo, associadas aos cafés. Cada café tinha uma, ou mais, tertúlias sobre temas diferentes. Paralelamente, os seus integrantes identificavam-se como pertencendo à tertúlia A ou B, numa clara divisão das águas entre correntes de pensamento diferentes.

Em Portugal, historicamente, o Chiado, dado o grande número de cafés aí existentes, assumiu a liderança em número de tertúlias; A Brasileira, o Nicola e outros receberam tertúlias com participantes tão influentes como Bocage, Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho, Almada Negreiros, Eduardo Viana, António Botto, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro ou Stuart Carvalhais entre outros. No Porto o Majestic, A Brasileira e o Guarany, eram os locais por excelência onde se reuniam intelectuais, artistas e políticos. Coimbra, Faro, na realidade qualquer cidade ou vila de Portugal, tinham nos seus cafés tertúlias, onde se discutia tanto a política nacional ou internacional, o futebol ou o mais recente mexerico da terra.

E é em torno destas tertúlias de café que a política e as artes portuguesas do século XIX e primeira metade do século XX se desenvolveram, pelo cruzar de opiniões, troca de ideias, apresentação e discussão de ideias e livros novos, etc. Com o advento do Estado Novo as tertúlias tornam-se o último reduto da discussão livre da censura, mas que com o tempo são cada vez mais espiadas pela PIDE. Um exemplo disto foi o Grupo do Café Gelo. Paralelamente, a melhoria das comunicações, nomeadamente com o advento



da televisão, e o aparecimento de outros espaços, levaram ao desaparecimento gradual das tertúlias.

Atualmente assiste-se a uma tentativa do seu renascimento, com várias instituições a criarem tertúlias sobre vários temas. No Rio Grande do Sul, situado no sul do Brasil, as tertúlias foram um importante meio de difusão cultural, incluindo música e poesia, e vêm sendo valorizadas pelo movimentos tradicionalista e nativista daquele Estado da Federação brasileira.

No ID.EIAS temos preparado as nossas da seguinte forma:

- inicialmente calendarizamos a tertúlia e divulgamos através das redes sociais e contactos pessoais.

- de seguida, a equipa de trabalho vai investigar e analisar a temática a ser abordada na tertúlia e num segundo plano definir uma estratégia, no sentido de assegurar alguma situação que não estava prevista inicialmente.

- para a estruturação e organização de uma tertúlia é realizado um plano de ação que focalize todas as etapas de desenvolvimento da mesma. Segundo a nossa experiência, que no fundo é aquela que partilhamos mais uma vez, o plano de ação deve ser composto pelos seguintes pontos:

- Definir o local onde vai decorrer a tertúlia;
- Decidir um plano de organização /disposição da(s) sala(s) e escolha da ementa que acompanha o decorrer da tertúlia;
- Convidar os Oradores e Moderadores se necessário;



Join up to various activities

